



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração de obras do PAC Habitação na Via Mangue 3, Conjunto Habitacional Zeferino Agra e Vila Imperial, e de ordem de início das obras do PAC de duplicação da BR-101, trecho Palmares(PE)/Alagoas Recife-PE, 07 de maio de 2010

Uma... Uma coisa importante, quando eu fui entregar a chave da casa da dona Sandra, ela falou assim para mim: “Ô, Presidente, eu estou com vontade de pedir desculpas, eu estou com vontade de beijar a sua mão, porque eu estou arrependida”. E me contava ela que nunca votou em mim, que ela sempre foi enganada a votar em outras pessoas. Eu disse para ela que não tem problema. Eu perdi três eleições, e eu tenho certeza que nas eleições que eu perdi, a grande maioria delas é porque o povo mais pobre tinha medo do novo, tinha medo de que alguém que fosse igual a eles não tivesse condições de governar. E nós precisamos perder três eleições para ganhar na quarta e provar que era possível a gente fazer para os pobres o que os outros nunca tinham feito neste país.

E a vida, a vida é assim, a gente vai aprendendo. Hoje, eu sou um homem que não reclamo de ter perdido três eleições. Eu agradeço a Deus, porque as derrotas me ensinaram. Eu fui aprendendo, eu fui ficando mais calejado, e quando eu cheguei à Presidência da República eu já estava mais preparado, eu já estava mais consciente.

É como a vida da gente. Quando a gente casa novinho – e deve ter muita gente casada aqui – a gente vai descobrindo que a gente não sabe muita coisa. Aí, quando vêm os filhos, a gente vai pegando idade, a gente vai ficando mais maduro, mais consciente, mais sábio, a palavra é essa, a gente vai ficando mais sábio e vai fazendo as coisas de forma bem madura e bem tranquila.



Então, eu estou aqui – e estava ouvindo o João Costa falar, e depois o Eduardo, e depois os companheiros do Movimento –, e eu estava vendo uma coisa extraordinária: vocês foram tirados de um lugar onde vai ter uma grande via, que vai contribuir muito para a Copa do Mundo de 2014, mas vocês não foram jogados para cem quilômetros do centro da cidade, vocês ficaram dentro da cidade. Vocês estão perto do metrô; aqui, o Governador inaugurou uma UPA, uma Unidade de Pronto Atendimento médico; aqui, muita gente pode até ir para a praia, coisa que lá em São Bernardo eu não posso, tem que andar 60 quilômetros. Então, eu acho, Eduardo, que você e o João Costa estão dando um exemplo extraordinário, ou seja, a gente não tem... porque antigamente, quando eles faziam um conjunto habitacional, a ideia era tirar o povo pobre de perto da cidade e ir jogando o povo para longe da cidade, bem para longe. E este exemplo que vocês fizeram aqui é extraordinário, porque as pessoas apenas deixaram de morar em um lugar inadequado e vieram morar em um lugar adequado, sem violentar a vizinhança do pessoal, as relações de amizade que vocês tinham construído. Essa é a primeira coisa que eu quero dar os parabéns ao Prefeito e a você.

A segunda coisa, companheiros, é que nós aprendemos uma coisa no ano passado. A Caixa Econômica, no meu governo, ela fez mais casas do que ela já tinha feito. No ano passado, nós batemos o recorde de contratação de casas que tinha sido feito em 1985 pelo presidente Figueiredo – foi a época em que a Caixa mais contratou casas. Nós, no ano passado, batemos o recorde. Mas quando a gente fala das casas contratadas pela Caixa, eram 300 mil, 200 mil casas, 250, 280, a maioria das casas no Brasil é feita pelo povo. É o povo fazendo com a família, ocupando o terreno e fazendo as casas – a casa [Caixa] não dava conta. Pois bem, então eu tomei a decisão de encomendar um grande programa habitacional. Quando eu falei com a ministra Dilma para ela começar a conversar com os empresários, a primeira proposta que os empresários fizeram de um grande plano habitacional foi de 200 mil casas. Aí



eu falei: não pode ser 200 mil casas, 200 mil casas não é um grande programa. Aí pedi para ela conversar com o Guido Mantega, que é o meu ministro da Fazenda. Aí o Guido falou: “Olha, vamos tentar fazer 500 mil casas”. Eu falei: 500 mil casas também não é um grande programa. E aí eu propus que estudasse fazer um programa de 1 milhão de casas. Não é fácil, os empresários não estavam preparados, a Caixa Econômica Federal não estava preparada e o governo não estava preparado, ou seja, ninguém estava preparado para fazer 1 milhão de casas. Pois bem, agora, em março, fez um ano que a gente lançou o Programa, já tem 425 mil casas contratadas e já tem mais 800 mil projetos na Caixa Econômica para serem analisados. Se continuar nesse ritmo, nós vamos chegar ao final do ano com pelo menos umas 800 mil casas contratadas. E a Maria Fernanda está dizendo ali que vai ser 1 milhão de casas que nós vamos contratar, porque ela acha que dá para contratar tudo.

Ora, eu, não contente com isso, chamei a ministra Dilma e falei: eu quero fazer o PAC 2. E por que eu quero fazer o PAC 2? Porque eu preciso deixar planejado para quem vier depois de mim já ter dinheiro, inclusive, no orçamento. A Ministra se reuniu com o ministro Marcio Fortes e começaram a discutir um assunto grave, que nós estávamos enfrentando no primeiro programa de 1 milhão de casas. Eduardo, era como atender as pessoas que ganham de zero a três salários mínimos, as pessoas que não podem pagar, as pessoas que não podem pagar aluguel e, ao mesmo tempo, pagar a prestação da casa. Então, nós tomamos a decisão de subsidiar e o cidadão só começa a pagar a casa quando ele entra dentro da casa e, ao mesmo tempo... Qual é o financiamento hoje, Marcio, o subsídio? É. Não, mas por casa? Uma casa que custa quanto? Uma casa que custa 40 [mil], o governo entra com quanto? Então, veja, uma casa que custa R\$ 43 mil, o governo entra com R\$ 23 mil para garantir a casa para o companheiro que ganha de zero a três [salários mínimos]. E a prestação? Bem, e a prestação da casa no Programa Minha



casa Minha Vida será de R\$ 50,00. Será de R\$ 50,00, porque senão a gente nunca vai conseguir fazer casa para essa parte da população. A gente só vai fazer casa para a parte que pode pagar, e a parte que não pode pagar não tem casa. E como é que a gente faz, se todos são brasileiros? Como é que a gente faz? Então, o governo assumiu a responsabilidade... de zero a três [salários mínimos]... É tudo? Ah! De zero a três [salários mínimos] o governo subsidia tudo. A pessoa só vai pagar R\$ 50,00. Venha cá, Maria Fernanda. A Maria Fernanda é pernambucana, presidenta da Caixa Econômica Federal, uma mulher muito “porreta”. Eu estou falando aqui, perguntando para ela, é melhor que ela venha aqui, com essa voz bonita dela, e fale para nós, aqui como é que é.

Presidenta da Caixa Econômica Federal: É bom que ninguém aqui estranha o sotaque, não é? Eu vou aos outros cantos, todo mundo estranha, aqui ninguém estranha. É o seguinte: quem ganha um salário [mínimo] paga R\$ 50,00 por mês, por 10 anos; quem ganha dois salários [mínimos] paga R\$ 100,00 por mês pelo mesmo período de 10 anos; e quem ganha três salários [mínimos] paga R\$ 150,00, ou seja, R\$ 50,00 para um salário [mínimo], está certo? Pronto. E depois não paga mais nada, depois está dono da casa. Um salário mínimo, um salário mínimo. Quem não tem, quem não tem um salário mínimo, ele fica nessa mesma proporção. Até um salário paga R\$ 50,00. Quem vende pipoca, quem vende pipoca tem uma renda.

Presidente: Olha, gente, gente, é o único programa habitacional que leva em conta a necessidade de atender às famílias que têm menos renda. Vamos ser francos, companheiros, vamos ser francos: pagar R\$ 50,00 por mês não é muita coisa. Vamos ser francos, vamos ser francos. Se sair para vender limão galego na praia de Boa Viagem, em um domingo, arrecada R\$ 50,00 para pagar a casa.



A gente sabe o seguinte... Eu, na verdade, sou contra dar as coisas de graça, porque senão as pessoas não valorizam, sabe? As pessoas precisam saber valorizar aquilo que têm. Então, é importante isso.

Então, companheiros, deixa eu dizer uma coisa para vocês: nós queremos, este ano, contratar 1 milhão de casas e, para os próximos quatro anos, a gente quer contratar mais 2 milhões de casas, ou seja, seriam 3 milhões de casas, praticamente, em seis anos, o que nunca aconteceu neste país.

Agora, vocês têm que prestar atenção: a quantidade de material de construção que a gente vai precisar, a quantidade de empregos que a gente vai gerar. E, aí, outra coisa importante, João Costa, quando for um mutirão desse aqui, de fazer casa aqui, a gente tem que pedir - eu acho que já está fazendo - para as empresas contratarem os trabalhadores que moram no local. Já está sendo feito assim em muitas obras do PAC. Porque senão a gente contrata uma obra em uma favela aqui e vêm os trabalhadores de São Paulo para cá, da Bahia, não tem. Nós precisamos gerar empregos lá em São Paulo e aqui. Então, é importante contratar. Por isso, o Governador está formando mais 10 mil pessoas, abrindo vagas, para que a gente possa formar pedreiro, azulejista, montador, armador, ou seja, nós precisamos de muita mão de obra. Depois as pessoas vão fazer um jardimzinho, depois as pessoas vão melhorando a casa. E, aí, nós vamos querer gerar empregos e gerar salários.

Por isso eu vim aqui. A minha vinda a Recife, hoje, foi para inaugurar um navio. A verdade é essa, viu, Eduardo? Eu vim aqui porque o orgulho de fazer um navio... Vocês veem jogo de futebol, não veem? Vocês viram o Sport ser campeão, não viram? E, também, vocês viram o meu Corinthians sofrer um gol do Flamengo, não é? Mas, veja, o navio que nós viemos inaugurar... entre a trave do goleiro do Sport e a trave do goleiro do Náutico tem uma distância, não tem? O navio que nós inauguramos hoje é duas vezes e meia o campo do Sport ou o campo do Náutico ou o campo do Santa Cruz - é duas vezes e



meia, duas vezes e meia. E eu saio daqui com um orgulho, porque foram trabalhadores pernambucanos, muitos deles catadores de caranguejo, muitos deles cortadores de cana, que foram formados aqui e foram trabalhar e conseguiram colocar um navio que vai armazenar... 1 milhão de barris de petróleo cabe dentro do navio feito aqui, em Pernambuco.

Então, companheiros e companheiras, eu queria que vocês soubessem de uma coisa: tudo isso que está acontecendo no Brasil hoje, e o que está acontecendo em Pernambuco, foi a capacidade que nós tivemos de fazer parceria. Olhem, quando o prefeito, o governador e o presidente da República trabalham juntos, como se fosse uma orquestra, quem ganha? É o povo. Quando o prefeito fica bicudo com o governador, o governador fica bicudo com o presidente, ou o presidente com o governador, enquanto os três brigam, quem perde? É o povo que perde.

Então, eu quero agradecer ao prefeito João da Costa e ao governador Eduardo Campos, porque se não fosse o carinho com que eles me tratam e a nossa relação extraordinária, certamente a gente não poderia estar fazendo tudo o que estamos fazendo.

Eu peço a Deus que Pernambuco continue assim e que o Brasil continue assim, para que a gente possa fazer muito mais. Nós temos pouco tempo para consertar o desleixo de 500 anos que a elite brasileira teve com o povo brasileiro.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
